

## PLANO DE AULA

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA**  
**DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE**  
**SETOR DE PLANEJAMENTO**  
**PLANO DE AULA Nº. 3**  
**1º CICLO DE JUVENTUDE (15 A 17 ANOS)**

**VUNIDADE: O ESPIRITISMO**

**SUBUNIDADE: PRINCÍPIOS BÁSICOS DA DOCTRINA ESPÍRITA**  
 ♦ **EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO**

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
* Analisar provas da existência do Espírito.	* "Os Espíritos são os seres inteligentes da criação e constituem o mundo invisível." (8) * "(...) Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente como os corpos são a individualização do princípio material. (...)" (9) * Podemos classificar as provas da existência do Espírito em: a) Científicas – que incluem em o estudo dos fenômenos mediúnicos, conclusões da parapsicologia e argumentos psicológicos e fisiológicos. b) Filosóficas – que se fundam nos atributos e faculdades do homem e nas reflexões sobre a existência de Deus.	* Iniciar a aula, distribuindo tiras de papel contendo alguns episódios relatando a existência do Espírito. * Pedir-lhes que as leiam e deem sua opinião, fazendo um juízo de valor. Anexo 1 * Ouvir os relatos e as opiniões dos alunos, perguntando: — Esses casos provam a existência do Espírito? — Porque as pessoas viam o Espírito e o corpo ao mesmo tempo? * Ouvir as respostas, complementando-as com os subsídios para o evangelizador. Anexo 2 * Distribuir, em seguida, um texto preparatório para o trabalho em grupo, para que seja lido e analisado individualmente, em 10 minutos. Anexo 3	* Receber as tiras de papel. * Ler os episódios. Emitir julgamentos sobre os referidos relatos. * Responder às perguntas do evangelizador. * Participar da exposição do evangelizador fazendo e/ou respondendo perguntas. * Ler e analisar individualmente o texto distribuído.	<p style="text-align: center;"><b>TÉCNICAS</b></p> * Estudo em grupo. * Exposição dialogada. * Discussão circular.
				<p style="text-align: center;"><b>RECURSOS</b></p> * Papel e lápis. * Roteiros e textos mimeografados. * Textos. * Canções Didático Doutrinárias – CD nº 3 – (4)

**AValiação: A AULA SERÁ CONSIDERADA SATISFATÓRIA SE OS EVANGELIZANDOS ANALISAREM CORRETAMENTE AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO E PARTICIPAREM COM INTERESSE DAS ATIVIDADES PROPOSTAS.**

CONT. DO PLANO DE AULA Nº. 3 DA V UNIDADE: O ESPIRITISMO

1º CICLO DE JUVENTUDE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
	<p>* O homem é composto por Espírito, Perispiritito e Corpo. O Espírito é o ser pensante; o corpo é o instrumento material de que ele se serve, durante a encarnação; o perispiritito é o elo de ligação que estabelece o intercâmbio entre o Espírito e o mundo exterior.</p> <p>* (...) Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente como os corpos são a individualidade do princípio material. (...) (9)</p>	<p>* Após, propor um estudo em grupo, usando a técnica da discussão circular, para que discutam as questões abaixo: Anexo 3</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cientificamente é possível provar a existência do Espírito?</li> <li>- Relacione as provas.</li> <li>- Como a Filosofia prova a existência do Espírito?</li> </ul> <p>* Proceder a discussão do assunto, conforme as orientações dadas na Técnica escolhida. Anexo 4</p> <p>* Ao final, ouvir as conclusões do grupo e fazer as complementações necessárias.</p> <p>* Encerrar a aula com a leitura e comentário do texto do Anexo 5, <i>Fenômeno e Nós</i>.</p> <p>* Convidar os jovens a ouvir a canção <i>O Espírito</i>, de Vilma de Macedo Souza.</p> <p>* Após a audição, cantar essa música junto com os evangelizando.</p>	<p>* Participar do estudo em grupo.</p> <p>* Discutir o tema conforme orientações da técnica apresentada.</p> <p>* Participar da integração do estudo.</p> <p>* Ouvir a leitura do texto e participar dos comentários finais.</p> <p>* Ouvir e cantar a música citada.</p>	<p>* Utilizar o CD nº 3 da coleção <i>Evangelização em Notas Musicais</i>, para a atividade final.</p>

# ANEXO 1

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 3  
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

## Texto para Discussão

Separar os casos abaixo relatados e distribuí-los entre os evangelizados para análise e discussão.

1 Santo Antônio, notável missionário cristão, fazia sua costumeira pregação em Pádua, na Itália, quando, assustando o público, pareceu sofrer fulminante síncope. Simultaneamente apresentou-se num tribunal em Lisboa, a oitocentos quilômetros para defender seu pai que estava sendo injustamente julgado por um crime que não cometera. Após desfazer a intriga, o santo desapareceu de Lisboa e acordou em Pádua, para alívio dos fiéis.

2 A professora ministrava a aula quando, sonolenta, sentou-se numa cadeira e ali permaneceu imóvel. Uma aluna, à janela, chamou as colegas. A mestra estava lá fora. Viam agora duas professoras, uma adormecida na cadeira, a outra um clone perfeito passeando no jardim. Pouco depois sumiu a de fora, despertou a de dentro.

3 Noite alta, um médico ouviu baterem à porta de sua casa, perto de movimentada estrada. Jovem mulher, em desespero, pediu-lhe socorro para vítimas de um acidente de automóvel. Ele atendeu prontamente, correndo para o local, nas imediações. Ali deparou-se com uma criança a chorar, ao lado da motorista morta. Estupefato constatou que era a mulher que lhe pedira socorro.

4 Uma senhora acordou vendo o filho ao seu lado. Parecia ferido e aflito, mas logo desapareceu. Preocupada, não conseguiu mais conciliar o sono. Pela manhã recebeu a notícia de que o rapaz morrera num acidente de automóvel, em plena madrugada, pouco antes de sua visão.

5 Uma mulher deitou-se e apagou a luz. Observou que o cônjuge se levantou e saiu do quarto. Ficou apavorada, porquanto estava abraçado a ela na cama.

6 Um médium vidente, em reunião mediúnica, informa a presença de um visitante espiritual. Trata-se de membro do grupo, recém-desencarnado. Não tem dificuldade em identificá-lo. É o próprio, (o recém desencarnado) apresentando-se sorridente e feliz.

7 Visitantes de um castelo com fama de mal-assombrado assustam-se ao ver um homem de lúgubre aparência, jeito ameaçador, identificado como falecido proprietário do castelo.

São episódios distintos, mas têm algo em comum.

## ANEXO 2

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 3  
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

### Há Espíritos?

A dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. Muitas pessoas, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança.

Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem, relativamente à religião, os que, chocados por certos abusos, tudo englobam numa só condenação.

Seja qual for a idéia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no Espiritualismo a sua demonstração teórica e dogmática e, no Espiritismo, a demonstração positiva. Abstraiamos, por um momento, das manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que conseqüência chegaremos.

2. Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, forçoso é também se admita: 1º, que a sua natureza difere da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º, que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegria, ou do sofrimento, sem o que seria um ser inerte, caso em que possui-la de nada nos valeria. Admitido isso, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai?

Segundo a crença vulgar, vai para o céu, ou para o inferno. Mas, onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se outrora que o céu era em cima e o inferno em baixo. Porém, o que são o alto e o baixo Universo, uma vez que se conhecem a esfericidade da Terra, o movimento dos astros, movimento que faz com que o que em dado instante está no alto esteja, doze horas depois, em baixo, e o infinito do espaço, através do qual o olhar penetra, indo a distâncias consideráveis? Verdade é que por lugares inferiores também se designam as profundezas da Terra. Mas, que vêm a ser essas profundezas, desde que a Geologia as esquadrinhou? Que ficaram sendo, igualmente, as esferas concêntricas chamadas céu de fogo, céu das estrelas, desde que se verificou que a Terra não é o centro dos mundos, que mesmo o nosso Sol não é único, que milhões de sóis brilham no Espaço, constituindo cada um o centro de um turbilhão planetário? A que ficou reduzida a importância da Terra, mergulhada nessa imensidade? Por que injustificável

privilégio este quase imperceptível grão de areia, que não avulta pelo seu volume, nem pela sua posição, nem pelo papel que lhe cabe desempenhar, seria o único planeta povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir semelhante nulidade do infinito e tudo nos diz que os diferentes mundos são habitados. Ora, se são povoados, também fornecem seus contingentes para o mundo das almas. Porém, ainda uma vez, que terá sido feito dessas almas, depois que a Astronomia e a Geologia destruíram as moradas que se lhes destinavam e, sobretudo, depois que a teoria, tão racional, da pluralidade dos mundos, as multiplicou ao infinito?

Não podendo a doutrina da localização das almas harmonizar-se com os dados da Ciência, outra doutrina mais lógica lhes assina por domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: formam elas um mundo invisível, em o qual vivemos imersos, que nos cerca e acotovela incessantemente. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que repugne à razão? De modo nenhum; tudo, ao contrário, nos afirma que não pode ser de outra maneira.

Mas, então, que vem a ser das penas e recompensas futuras, desde que se lhes suprimam os lugares especiais onde se efetivem? Notai que a incredulidade, com relação a tais penas e recompensas, provém geralmente de serem umas e outras apresentadas em condições inadmissíveis. Dizei, em vez disso, que as almas tiram de si mesmas a sua felicidade ou a sua desgraça; que a sorte lhes está subordinada ao estado moral; que a reunião das que se votam mútua simpatia e são boas representa para elas uma fonte de ventura; que, de acordo com o grau de purificação que tenham alcançado, penetram e entrevêm coisas que almas grosseiras não distinguem, e toda gente compreenderá sem dificuldade. Dizei mais que as almas não atingem o grau supremo, senão pelos esforços que façam por se melhorarem e depois de uma série de provas adequadas à sua purificação; que os anjos são almas que galgaram o último grau da escala, grau que todas podem atingir, tendo boa-vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o Universo, que se sentem ditosos com o desempenho dessas missões gloriosas, e lhes tereis dado à felicidade um fim mais útil e mais atraente, do que fazendo-a consistir numa contemplação perpétua, que não passaria de perpétua inutilidade. Dizei, finalmente, que os demônios são simplesmente as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem, como as outras, ascender ao mais alto cume da perfeição e isto parecerá mais conforme à justiça e à bondade de Deus, do que a doutrina que os dá como criados para o mal e ao mal destinados eternamente. Ainda uma vez: aí tendes o que a mais severa razão, a mais rigorosa lógica, o bom-senso, em sua, podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o Espaço são precisamente o {aquilo} a que se chama Espíritos. Assim, pois, os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. Mas hipotética lhes seria a existência, se fossem seres à parte. Se, porém, se admitir que há almas, necessário também será se admita que os Espíritos são simplesmente as almas e nada mais. Se se admite que as almas estão por parte, ter-se-á que admitir, do mesmo modo, que os Espíritos estão por toda parte. Possível, portanto, não fora negar a existência dos Espíritos, sem negar a das almas.

3. Isto não passa, é certo, de uma teoria mais racional do que a outra. Porém, já é muito que seja uma teoria que nem a razão, nem a consciência repelem. Acresce que, se os fatos a corroboram, tem ela por si a sanção do raciocínio e da experiência. Esses fatos se nos deparam no fenômeno das manifestações espíritas, que, assim, constituem a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Muitas pessoas

há, entretanto, cuja crença não vai além desse ponto; que admitem a existência das almas e, conseqüentemente, a dos Espíritos, mas que negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem, de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria. Esta dúvida assenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais em geral fazem idéia muito falsa, supondo-os erradamente seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é real.

Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um acessório, seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de perispírito. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarificados fluidos, mesmo entre os que consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria?

4. A existência da alma e a de Deus, conseqüência uma da outra, constituindo a base de todo o edifício, antes de travarmos qualquer discussão espírita, importa indagarmos se o nosso interlocutor admite essa base. Se a estas questões:

*Credes em Deus?*

*Credes que tendes uma alma?*

*Credes na sobrevivência da alma após a morte?*

responder negativamente, ou, mesmo, se disser simplesmente: 'Não sei; desejara que assim fosse, mas não tenho a certeza disso, o que, quase sempre', equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar brusca-mente o a que ele chama preconceitos respeitáveis, tão inútil seria ir além, como querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz. Porque, em suma, as manifestações espíritas não são mais do que efeitos das propriedades da alma. Com semelhante interlocutor, se se não quiser perder tempo, ter-se-á que seguir muito diversa ordem de idéias.

Admitida que seja a base, não como simples 'probabilidade', mas como coisa averiguada, incontestável, dela muito naturalmente decorrerá a existência dos Espíritos.

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar idéias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

*Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a*

sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, de-seje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? Por que razão, depois, de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido?

6. Abstraiamos, por instante, dos fatos que, ao nosso ver, tornam incontestável a realidade dessa comunicação: admitamo-la apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negativas, visto que suas opiniões pessoais não podem constituir lei, mas expendendo razões peremptórias, que tal coisa pode dar-se. Colocando-nos no terreno em que eles se colocam, uma vez que entendem de apreciar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica e provem por a mais b. partindo sempre do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1º. que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte;

2º. que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou;

3º. que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles;

4º. que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º. que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6º. que não pode, por meio do seu envoltório fluidico, atuar sobre a matéria inerte;

7º. que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8º. que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever;

9º. que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível. aduzindo razões tão patentes quais as com que Galileu demonstrou que o Sol não é que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas. Infelizmente, até hoje, toda a argumentação a que recorrem se resume nestas palavras: 'Não creio, logo isto é impossível'. Dir-nos-ão, com certeza, que nos cabe a nós provar a realidade das manifestações. Ora, nós lhes damos, pelos fatos e pelo raciocínio, a prova de que elas são reais. Mas, se não admitem nem uma, nem outra coisa, se chegam mesmo a negar o que vêem, toca-lhes a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis. (2)

## **Considerações sobre Espírito, Perispírito e Matéria**

Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à conseqüência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro



*grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providências; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo.*

*A morte é a destruição. ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise.*

*Esse segundo invólucro da alma, ou perispírito, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito recebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos.*

*Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma incessante de ação. Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis.*

*O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a ciência costuma valer-se, para explicação de um fato. Sua existência não foi apenas revelada pelos Espíritos, resulta de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora e por nos não anteciparmos, no tocante aos fatos que havemos de relatar, limitar-nos-emos a dizer que, quer durante a sua união com o corpo, quer depois de separar-se deste, a alma nunca está desligada do seu perispírito.*

*Hão dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a idéia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, só por só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou instrumento de sua ação.*

*Ele tem a forma humana e, quando nos aparece, é geralmente com a que revestia o Espírito na condição de encarnado. Daí se poderia supor que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se modela, de certa maneira, por este e lhe conserva o tipo; entretanto, não parece que seja assim. Com pequenas diferenças quanto às particularidades e exceção feita das modificações orgânicas exigidas pelo meio em o qual o ser tem que viver, a forma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos. Pelo menos, é o que dizem os Espíritos. Essa igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só têm o perispírito; a com que, em todos os tempos, se representaram os anjos, ou Espíritos puros. Devemos concluir de tudo isto que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, seja qual for o grau de evolução em que se achem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade,*



nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.

Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem.

Os Espíritos, portanto, são como se vê, seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso redor, toda uma população, invisível no estado normal. Dizemos — no estado normal, porque, conforme veremos, essa invisibilidade nada tem de absoluta.

A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, desconhecemo-la por completo. Apenas pelos seus atos ele se nos revela e seus atos não nos podem impressionar os sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem por instrumento direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. Ora, o perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Depois, serve-lhe também de agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre que ele atua, como nós atuamos sobre o ar, para obter determinados efeitos, por meio da dilatação da compressão, da propulsão, ou das vibrações. (...) (3)

⊥   ⊥   ⊥

## Bibliografia

1. DENIS, Léon. *O Além e a Sobrevivência do Ser*. Trad. de Guillon Ribeiro. 8. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1995, p. 10.
2. KARDEC, Allan. Há Espíritos. *O Livro dos Médiuns*. Trad. de Guillon Ribeiro. 68. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2000, p. 18-26. Primeira parte.
3. \_\_\_\_\_, *O Livro dos Médiuns*. Trad. de Guillon Ribeiro. 68. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1999. Itens 54-56, 58. p. 77-79.

## ANEXO 3

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
Iº CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 3  
TEXTO PARA O ESTUDO EM GRUPO

### A Existência do Espírito

*(...) Não obstante o desenfreado amor à matéria, característico dos tempos atuais, não obstante a luta ardorosa pela vida, luta que nos arrebatava em sua engrenagem em os absorve inteiramente, a idéia (...) (3) da existência e da sobrevivência do Espírito se ergue a todo instante em nosso serviço.*

A idéia de existência da alma humana, antes do Espiritismo, era muito incompleta e mesmo confusa. O homem, para os materialistas, (...) *é simples máquina, que funciona enquanto está montada, que se desarranja e de que, após a morte só resta a carcassa. (...) (5) Procuraram no funcionamento dos órgãos o mecanismo da vida e, como não encontraram aí a sede da alma, (...) concluíram que tudo se continha nas propriedades da matéria e que, portanto, à morte se seguia a aniquilação do pensamento. Triste consequência, se fora real, porque então o bem e o mal nada significariam, o homem teria a razão para só pensar em si e para colocar acima de tudo a satisfação e seus apetites materiais (...). Uma sociedade de que se fundasse sobre tais bases traria em si o germen de sua dissolução (...). (4)*

Os espiritualistas compreendem a alma como um ser real, imaterial, distinto do corpo físico e a ele sobrevivente, mas equivocadamente, crêem que a alma ou Espírito foi criado com o corpo e para esse corpo exclusivamente. Acreditam, ainda, que após a morte a alma se desprenderia do seu corpo e seguiria destinos sobre os quais as idéias são muito imprecisas.

*Na realidade, o homem tem, instintivamente, a convicção de que nem tudo se lhe acaba com a vida. (...) (4) E não são poucas as vezes que se pergunta: (...) Haverá em nós um elemento, um princípio que persista, depois da morte do corpo? Haverá qualquer coisa da nossa consciência, da nossa personalidade moral, da nossa inteligência, do nosso eu, que subsista à decomposição do invólucro material? (...) (2) Mas, que é a nossa alma? tem forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado, ou indefinido? (...) (4)*

Para o Espiritismo, a alma humana é um ser real, individual, independente, pré-existente e sobrevivente ao corpo físico, portador de livre-arbítrio, destinado ao progresso constante ao longo das encarnações planetárias, nas quais se depura e se eleva gradualmente, até se libertar da necessidade de encarnar, quando chega do estágio de Espírito puro.

A existência e a sobrevivência do Espírito está suficientemente comprovada pelo Espiritismo, através dos diversos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos (materializações, desmaterializações, transportes, desdobramentos ou bicorporiedade, vozes e escritas diretas, levitações, raps, etc) ou de efeitos intelectuais (psicofonia, psicografia, vidência e clarividência, audiência). O fenômeno de regressão de memória conhecido dos espíritas é um meio atual usado pelos psicólogos, mesmo psicanalistas, que

comprova não somente a existência e sobrevivência do Espírito, mas a reencarnação.

A parapsicologia procurando, como ciência, explicar as chamadas faculdades humanas supra ou paranormais, tem chegado a conclusões muito promissoras e de acordo com o que a Doutrina Espírita vem ensinando a mais de um século. Veja o que nos transmite H. Addington Bruce, veterano pesquisador americano: (...) *Tanto os pesquisadores como os parapsicólogos acumularam milhares de exemplos bem documentados na experiência humana, que comprovam não somente a espiritualidade essencial do homem, mas a sobrevivência da personalidade humana após a morte do corpo. A evidência de que o homem não é um mecanismo, de que o homem é verdadeiramente um ser espiritual e, como tal, um ser capaz de sobreviver à morte física, pode ser dividida em duas classes: a evidência direta, específica. Na primeira se incluem os fenômenos conhecidos por telepatia, clarividência, precognição e retrocognição. Entre os últimos estão pronunciamentos mediúnicos escritos ou orais, aparições e algumas das chamadas alucinações que fornecem evidência.* (...) (6)

A ciência oficial encontra-se dividida com relação aos fenômenos que comprovam a existência e a sobrevivência do Espírito.

Para o cientista americano Martin Ebon (...) *a pesquisa psíquica não pode fechar-se numa torre de marfim. Não pode deixar de observar o que está passando em torno dela, aqui mesmo, neste momento. Nem pode ignorar sua própria responsabilidade.* (...) (7), segundo esta pesquisador. (...) *em que seiscentos anos de música polifônica, apenas um Bach ocorreu na história, reunindo tamanho poder inventivo, originalidade, espontaneidade, pureza melancólica. A probabilidade estatística da existência de um Bach seria talvez (...) de um para várias centenas de milhões. No entanto, Bach existiu.* (...) Por isso, o pesquisador americano não acredita nos (...) *métodos de pesquisa matemática, quando aplicados ao mecanismo do Espírito humano.* (...) (7)

Já Emmanuel K. Schwartz, psicanalista, (...) *a experiência psíquica, como por exemplo, uma aparição, é mera resposta a uma necessidade íntima, que, por sua vez, foi desencadeada por um estímulo. Para satisfazer esse desejo íntimo, ocorre então a evidência externa de um fenômeno-psíquico.* (...) (8)

Finalmente nos meios religiosos as idéias sobre a sobrevivência do Espírito estão sendo modificados e, às vezes, de uma maneira até surpreendente.

O reverendo W. Raucher, esclarece em recente publicação da revista inglesa *Psychic News* que (...) *se a parapsicologia e as igrejas pudessem entrar em acordo, o mundo se transformará.* (...) *Cada vez mais as igrejas deverão se tornar em laboratórios do Espírito. Os homens, têm necessidade de um guia espiritual, já tiveram o suficiente em sermões insípidos. Eles se interessam, mais do que nunca, pelo que toca à vida do lado de lá. Não se contentam mais em saber que existe um lado de lá; querem saber no que consiste esse lado de lá.* (...)

*Não posso pensar em Jesus andando sobre as águas sem pensar levitação. Não posso pensar na auréola dos santos sem cogitar na aura humana. A prece evoca, para mim, a idéia de um laço telepático religando o homem a Deus.* (...) *A sobrevivência depois da morte é um fato provado cientificamente. Pode-se ser médium sem ser espiritualizado. Esta é a razão da prudência da Igreja nesse domínio. Todavia, um excesso de prudência conduz ao imobilismo e ao conservadorismo.* (...) (1)

RESPOSTA:

- ◆ Cientificamente é possível provar a existência do Espírito? Relacione as provas.
- ◆ Como a Filosofia prova a existência do Espírito?

⊥ ⊥ ⊥

### BIBLIOGRAFIA

1. ALVES NETO, Aureliano. As opiniões do Reverendo. *O Espírita*. Brasília, 7(38):13, Fev./Mar., 1985.
2. DENIS, Léon. *O Além e a Sobrevivência do Ser*. Trad. de Guillon Ribeiro. 8. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1995. p. 10.
3. Op. cit., p. 123.
4. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998. Perg. 148, p. 109.
5. \_\_\_\_\_. *O Livro dos Médiuns*. Trad. de Guillon Ribeiro. 65. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1999. Item 41.
6. MIRANDA, Hermínio C. A Sobrevivência. *Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos*. 3. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1990. p. 115
7. Op. cit., p. 120.
8. Op. cit., p. 123.

## ANEXO 4

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
Iº CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 3  
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

### Técnica de ensino-aprendizagem

#### Discussão Circular

A discussão circular é um processo de trabalho de grupo que poderá ser utilizado, com proveito, em certas situações do ensino.

Para começar, apresenta-se à reunião uma pergunta clara e condensada. Geralmente se estabelece o limite de um minuto para cada resposta. Quando se torna aparente que todos entenderam bem a pergunta, uma pessoa se apresenta para iniciar a discussão. Terminado o minuto que lhe cabe, seu vizinho continua em seu lugar e assim por diante até que todos tenham falado sobre o assunto. Cada participante deve contribuir com uma nova idéia, ou adicionar algo novo à idéia já apresentada, ou unir numa só duas idéias já anteriormente apresentadas. Pode simplesmente tecer apreciações em torno das idéias dos outros, pode pedir dispensa e pode sugerir que o minuto que lhe pertence seja dedicado ao silêncio. Silêncio, quando considerado como pausa para reflexão, pode também ser contribuição valiosa.

Ninguém deve interromper ou responder a uma crítica enquanto não chegar a sua vez; até lá sua resposta já não será tão acalorada e, quem sabe, outra pessoa, com toda a calma, já terá dado a resposta adequada. A *discussão circular* continua até que todos achem que nada mais há a comentar, ou até esgotar o tempo previsto ou até que os participantes indiquem que não têm com que contribuir, o que fazem geralmente pedindo dispensa da palavra. Tudo o que foi dito acha-se registrado e serve como base para a discussão, que é a finalidade da reunião.

Cada elemento do grupo fala durante tempo predeterminado, controlado pelo secretário que se incumbem do resumo da discussão. Terminado o primeiro assunto, dá-se a palavra a um novo participante, para a discussão do segundo assunto, e assim por diante.

Nenhum elemento do grupo poderá pedir silêncio mais que duas vezes.

Poderá o professor solicitar aos alunos que preparem o assunto em casa no dia anterior ao da discussão, a fim de que tenham elementos para discutir, e não fiquem em silêncio.

A proposta para esta aula é discutir as questões contidas no anexo 3, após uma leitura preparatória que oferecerá maiores subsídios para a discussão.

#### Variante:

Temos adotado em nossas classes uma técnica essencialmente motivadora e que prende o interesse do grupo e fá-lo acompanhar a exposição.

Solicitamos a um grupo de 8 a 12 alunos que prepare um assunto. Um aluno começa a exposição. No momento oportuno, o coordenador interrompe a exposição e diz:

— Continue, você, do ponto onde Luís parou.

O coordenador irá realizando as interrupções e *passando a bola* aos outros elementos do grupo.

**Precauções:**

- ◆ As interrupções devem ser realizadas no momento em que o orador terminar uma frase do assunto ou encerrar uma parte do pensamento.
- ◆ A indicação dos elementos que continuam a exposição não deve seguir ordem alguma, nem de lugar, nem alfabética, nem outra qualquer.
- ◆ O coordenador indicará três alunos para redigirem o resumo dos trabalhos.

## ANEXO 5

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 3  
TEXTO PARA O ESTUDO EM GRUPO

### Fenômeno e Nós

O homem quer ver para crer.

Aspira à construção da fé. E para isso exige fenômenos.

Entretanto, é um espírito imortal a exprimir-se através de uma caixa de fenômenos e não percebe.

O cérebro é a maravilha que o abriga.

Na cúpula craniana tem a cabine da vontade, controlando bilhões de células a lhe cumprirem as ordens.

Como se ajustam lobos, sulcos, e giros, como funcionam meninges, veias e líquidos para que governe as próprias sensações não cogita para viver.

De que modo se comportam os neurônios para que possa pensar é problema de que não se preocupa, quando reflete.

Domina a linguagem sem pensar o esforço que lhe reclama das áreas corticais que lhe presidem a fala.

Enxerga dando trabalho aos nervos ópticos sem cogitar disso.

Ouve, por intermédio de complicados engenhos, mas não pondera quanto ao que essa preciosidade lhe custa.

Mobiliza tubos, artérias, alambiques, aparelhos, canais e depósitos variados para beber e comer, assimilar os recursos da vida e desvencilhar-se das gangas residuais da alimentação, todavia, às vezes atravessa uma existência secular sem a menor consideração por semelhantes prodígios.

Comumente reclama provas da sobrevivência da alma depois da morte, mas, até hoje, embora conjecture, não sabe exatamente como é que veio à vida.

Ninguém nega que os fenômenos servem para acordar a mente, contudo, é imperioso reconhecer que as criaturas humanas, na experiência diária, comunicam-se umas com as outras, através de montanhas deles sem a mínima comoção.

Eis os motivos pelos quais os Espíritos superiores, conscientes da responsabilidade que abraçam, colocarão sempre os fenômenos em última plana no esquema das manifestações com que nos visitam.

Assim procedem porque a curiosidade inerte ou deslumbrada não substitui o serviço e o serviço é a única via que nos faculta crescimento e elevação, compelindo-nos a estudar para progredir e a evoluir para sublimar.

⊥   ⊥   ⊥

(\*) XAVIER, Francisco Cândido. *Opinião Espírita*. Ditado pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 5. ed. Uberaba, CEC, 1982.